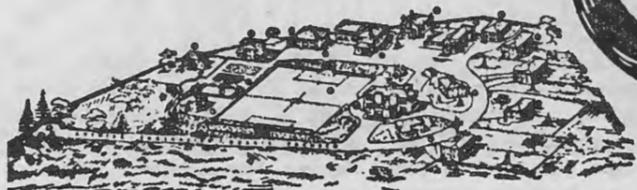




# Gaiato

5 DE FEVEREIRO DE 1972

ANO XXVIII — N.º 728 — Preço 1\$00

**OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES**


Eles e a neve — em nossa Casa de Paço de Sousa. É tão linda a nossa Aldeia!

## FESTAS

Vejo-me aflito!

Júlio manda: — Mesmo sem gastar muito espaço, é preciso manter a candeia acesa sobre Festas.

Dizer que diga é fácil! Mas que hei-de eu dizer, se o Director Artístico me barra o acesso a qualquer informação interessante?... E tem-nos bem mentalizados, os seus artistas! — pois ainda ontem, levei um deles por companhia ao casamento de outro e bem tentei «tirar nabos da púcara», como soi dizer-se, com pouco resultado...

Sei que foi requisitada barba ao natural para um dos «astros», a qual vai fazendo seus progressos. Soube ontem, pelo tal, que esse, na peça, se chamará D. Pafúncio. Mas que adianta conhecimento de tão pouca monta?! Vá!..., também soube que há entre os principais papeis uma D. Maria, em «travesti» de outro com muito pouca cara e modos de Mariazinha. Como irá ele saír-se?... Ou será mesmo intenção do autor não enganar ninguém sobre o sexo da personagem?...

Também perguntei por ritmos ao meu companheiro de ontem: se os havia modernos; ou, se dos antigos, por exemplo, um tango, muito da minha predilecção. Lá descaiu um nadinha e falou-me em «passe-doble». Por mim protesto. Quase todos os anos há «passe-doble» e acho tempo de variar. Se pudesse ir buscar dois pequenitos que eu cá sei à nossa Casa de Lourenço Marques, os Senhores veriam o que é um «merengue» castiço e não ligavam nenhuma ao «passe-doble». Assim... fica sem efeito o meu protesto.

Já que estamos em maré de protestos, deixo aqui o do Júlio: — Burocracias, burocracias... Em vez dá simplificação tantas vezes anunciada cada vez é pior. Veja que uma licença que os outros anos nos davam para todas as Festas, este ano terá de ser pedida uma para cada Festa! E os direitos de autor (Lembramos que o autor de tudo é nosso, menos das cantigas, que andam por aí!) que costumavam cobrar uma quantia simbólica, este ano, cobram pelo mínimo, mas querem cobrar mesmo. Uma comedela!

Júlio saiu daqui a bufar com a comedela que reduzirá o êxito económico das Festas — parte do seu pelouro!

Continua na 2.ª pág.

## Aqui Lisboa

Tinha sido um dia cheio. Aos nossos trabalhos e preocupações acrescentara-se uma saúde precária. Não admira, pois, que ao fim do dia, mais precisamente à hora do jantar, o nosso olhar se dirigisse para o espaço como que prescrutando alguma coisa ou se indagasse solução para qualquer dos problemas presentes ao espírito. Eis que do lado, cortando a nossa concentração, saiu da boca de um dos nossos «Batatinhas» a expressão: «sôr Padre não penses tanto!».

Ante a palavra inocente e natural daquele pequenino de 4 anos sentimos como que uma libertação de tudo e achámos aí o conforto suficiente para nos refazermos. A vida é feita de pequenas coisas e pena é que não as saibamos muitas vezes apreciar. Deste modo tornar-se-ia mais saborosa e feliz.

X X X

Temos que verberar o procedimento que leva a dar aos Pobres o que não presta ou já não serve para nada. Se o Pobre é a imagem viva de Cristo e nos dizemos irmãos uns dos outros, tal atitude nega toda a Fraternidade e é um verdadeiro ultraje a Deus e aos Homens. Já não é a primeira vez que nos enviam também autêntico lixo ou nos pedem para ir buscá-lo aqui ou além, talvez para tornar mais barata a limpeza da casa ou facilitar qualquer mudança. Ora, se precisamos e agradecemos ajuda, devemos também afirmar a nossa dignidade de seres humanos, sem qualquer equívoco de ingratidão ou soberba.

X X X

Para esclarecer as dúvidas que já muitas vezes nos têm sido postas sobre os elos que unem as várias Casas do Gaiato aqui transcrevemos, do «Fundamento da Obra da Rua e o teor dos seus obreiros», as seguintes palavras de Pai Américo:

«As casas fundadas ao tempo deste meu testamento e outras que porventura se venham a formar, devem gozar de uma racional independência e, quando possível, bastarem-se. Porém, jamais a multiplicação venha nunca a prejudicar a sua unidade.»  
A unidade consubstancia-se na eleição dum superior, resi-

Continua na 3.ª pág.

## Tribuna de Coimbra

«O Russito» fugiu pela quinta vez. Tem nove anos. Nasceu na encosta da serra. A mãe era muito nova e atrasada mental. Bebia e entregava-se a homens sem vergonha. Há anos que está na cadeia de Tires.

O «Russito», antes de vir para nós, dizia palavras por copos de vinho. Há sempre quem explore a criança a troco de qualquer coisa. Explorações que hão-de animalizar.

Quando o fui conhecer, andámos tempo sem

conta, encosta acima, por um carreirito por meio de silvados. Na solidão, entre silvas e árvores selvagens, ouviram cães quando nos aproximávamos da barraca. O «Russito» vivia com uns tios que me disseram muito mal dum filho de 22 anos. Que miséria impressionante!

Vieram trazê-lo um domingo à tarde, tinha sete anos. Dirigimo-nos para a Capela, para a nossa Missa dominical. O «Russito», no meio da assembleia em oração,

disse palavras em voz alta. Ninguém respondeu. No dia seguinte fugiu e fomos buscá-lo já longe, detido por dois cantoneiros da estrada.

Tem feito pouco progresso. Continua na primeira classe. Está gordo. Come sem medida e a barriga fica um tambor. As bochechas da cara rompem-lhe a pele. Não gosta de trabalhar. Ontem, ao telefone, quando um agente da P.S.P., da esquadra onde o «Russito» foi parar, me disse que não devemos

fazer nada dele, que se mostra muito endiabrado, que havia feito a viagem dependurado no comboio, fiquei perplexo e perguntei a mim mesmo que poderemos fazer mais por ele.

Não teremos de bater no peito e pedir perdão pelos nossos pecados?

Estávamos a jantar quando chegaram dois estudantes universitários: uma rapariga e um

Cont. na 2.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**Ensaio** — Têm andado com bastante força os nossos ensaios.

Já estão próximas as Festas e nós estamos um pouco atrasados, mas se Deus quiser no próximo dia 23 do mês que está à porta, faremos o ensaio geral. O nosso maestro já veio até cá várias vezes para ensaiar com alguns dos nossos. Estamos todos a trabalhar com muito interesse para que quando chegar a nossa primeira Festa possamos dar a saborear umas noites de boa disposição aos nossos amigos.

**Télescola** — Os nossos Rapazes que frequentam a Telescola, tanto o primeiro como o segundo ano, têm-se portado menos mal. Entre eles há uns melhores outros piores. E assim lá vão indo a pouco e pouco a caminho da meta final.

**Novos Gaiatos** — Nestes últimos tempos têm havido poucas admissões em nossa Casa; mas há poucos dias recebemos mais um pequenito de cinco anos, para se juntar aos nossos «Batatas».

Veio com o Carlitos. Como vêem, a nossa Casa — na medida do possível — está sempre aberta para acolher a miséria que se encontra pelas ruas do nosso Portugal.

**Papeira** — Inesperadamente esta doença apoderou-se de cerca de de um terço da nossa Comunidade, o que foi um desfasamento que vitimou alguns dos nossos artistas que entram nas Festas. Mas, graças a Deus, já estão a melhorar dia a dia. Esperamos dentro em breve já não existam vestígios desta doença em nossa Casa.

**Futebol** — O nosso onze tem estado em descanso, por não haver nenhum grupo que nos queira defrontar! Esperamos a visita de algum. Escrevam ou telefonem.

**Casamento** — Mais um dos nossos que vai casar no próximo dia cinco de Fevereiro. É o nosso Alberto. Fazemos votos para que ele e sua futura esposa tenham uma vida feliz. São os votos dos tipógrafos e, também, de toda a Comunidade.

Luis Nunes Marques

## CALVÁRIO

**Doenças...** — Muitos dos doentes que para aqui têm vindo sofrem de várias mazelas quer físicas ou morais, que nos fazem pensar e até sorrir.

E tantas delas têm acontecido que não queremos privar os nossos ami-

gos de saborear connosco isto que vos vamos contar...

Normalmente um dia por semana vem ver as pessoas que necessitam mais de assistência médica um velho amigo de Paredes.

E entre aqueles que realmente necessitam, outros aparecem no Consultório a queixarem-se com ou sem motivo.

— Ai Senhor Doutor trago uma fraqueza...

— Então não comes?

— Lá comer como...!

— Então não tens apetite?

Resposta apropriada... do lado!

— Bolas! Se com três pratos de comer tens fraqueza!...

E na verdade assim é. Não será só pelo ar puro que abre o apetite, mas sim porque achamos impossível como se tragam alimentos em tão curto espaço de tempo!

Eu conto. Num destes dias oiço barulho pouco normal no refeitório. Volto-me e logo soube a notícia. A Fernanda, que quem olhar para ela não diz que é doente. Realmente sofre de grave «doença». Mas não aquela doença que ela apregoa. Sobretudo quando não lhe dão demasiada comida para se saciar como deseja. Pois para exemplificar que a dita Rapariga foi atacada por tal sofreguidão, que contado não se acredita! Calhou ser a última a servir-se naquela refeição. Tem outras pessoas a fazer-lhe companhia na mesa que lhe está reservada. Nessa refeição, que ocasionou galhadas às outras pessoas, deixaram mais na travessa do comer que tiraram. São cinco pessoas. Reparem bem: Já estavam servidas quatro pessoas! E já estariam prestes a terminar quando a Fernanda se serviu... Quando mal deram fé, já nada restava nem na travessa nem no prato!! E o mais interessante é que foi tal a rapidez como isto se passou que até houve quem se sentisse mal... apesar de ter apenas provado o prato!!...

Sempre vão acontecendo coisas que não vos relatamos, umas vezes por não as sabermos e outras... que só vendo se acreditam! Tal como estas e outras «doenças» que aqui há!

Manuel Simões

## Festas

Cont. da PRIMEIRA página

Ora que as Festas corram muito bem, com mais taxas ou menos taxas; que os Rapazes se portem à altura da missão que lhes é confiada e os nossos Amigos saiam radiantes como sempre.

E viva a Festa!

xxx

**Atenção:** Não esquecer o cartazinho das Festas, anunciadas no derradeiro número. Mesmo os não colecionadores de «O Gaiato», conservem por ora, o dito número.

## TOJAL

**Obras** — Progresso e mais progresso é o nosso ideal. Para tal as oficinas aí estão a ser edificadas como um relâmpago. Só falta praticamente a parte mecânica, para que possam começar a funcionar. Entretanto, fazem-se planos para mais. Construção da casa da lavoura, da central eléctrica e da casa de 50 rapazes. Aqui é que é preciso ir mais devagar. Não se pode fazer tudo de uma só vez.

**Pedidos** — Por iniciativa da Sra. da Rouparia, vimos pedir aos amigos leitores, se por acaso existe em vossa casa um ferro eléctrico, e do qual já não façam uso, o favor de enviá-lo para a nossa Casa do Tojal, através dos vendedores, ou escrevendo-nos, que nós vamos buscar a casa e agradeceremos.

Outra coisa queríamos pedir ainda. Apesar de o nosso Lar de Lisboa estar aberto há bastante tempo, e de este pedido já ter sido feito, ainda não chegou a notícia de que haverá para aí uma máquina de lavar roupa! Temos a certeza de que existe. O que custa é a chegar cá. Se existe, diga-nos o amigo leitor onde ela está e o resto será connosco.

**Futebol** — Já começaram a aparecer adversários com aspirações ao título. Mas só um se atreveu a dar-nos luta! No entanto, o título não sai das nossas mãos de qualquer maneira. E os aventureiros não tiveram outra alternativa senão voltarem a comer 5 frangos no sacco, enquanto o nosso guardião só comeu dois.

Crónista X

## MIRANDA DO CORVO

**Catequese** — Já fizemos os grupos de Catequese, para todos a termos.

O Sr. P. e Horácio dá aos que não têm escola todos os dias.

O Saraiva tem dois grupos da primeira classe.

O Manuel Zé tem os grupos da segunda e os da terceira classe.

E a nossa Professora Maria Helena dá Catequese aos da quarta classe.

Todos nós precisamos de Catequese, porque nos ajuda a sermos homens para a vida de amanhã, pois todos temos corpo e alma.

Porque um dia se nos casarmos e se tivermos filhos para sabermos educá-los e também lhes darmos Catequese, para que eles tenham fé.

Zé António

**Obras** — Estamos a terminar a nossa casa nova, que todos os leitores já devem saber que é para os mais pequeninos. Agora, corremos para a casa do Carlos Manuel que foi feita por nós. Também em frente à cozinha fizemos três pequenas repartições: cozinha com lareira e

uma pequena lavandaria para a Maria Helena lavar a roupa. Como também tínhamos necessidade de acudir às camaratas de baixo, arranjámos lugar para termos seis lava-pés e nove lavatórios e quatro mictórios e três retretes. Arranjámos gás, para termos água quente para lavarmos os pés no inverno. Quando acabarmos vamo-nos lançar noutras obras, que ainda há muitas para fazer: aumentar a nossa sala de jantar, fazer oficinas e construir um ginásio. Tudo isto depende da nossa vontade e da vossa ajuda, amigos leitores.

Carlos Gomes

## BENGUELA

**Oficinas** — Graças a Deus as nossas oficinas não têm tido falta de trabalho. Quer a serralharia, quer a carpintaria ou a alfaiataria. Muito trabalho para a Casa e para fora!

Ainda nos falta, porém, criar outras oficinas. Entre elas a tipografia — de muito interesse para a formação profissional dos nossos Rapazes. Mas onde está o dinheiro para máquinas e material? De onde virá o dinheiro?!

Não virá de nenhum lado senão das vossas mãos, estimados leitores.

Aguardamos a vossa ajuda para montarmos a nossa tipografia. Não esqueçam! Contamos convosco.

**Praias** — Tempo de praia! Durante a semana toda a malta trabalha; mas, ao domingo, logo de manhã, vai a camioneta cheia de Rapazes até ao mar. Por lá ficamos até ao meio dia, regressando a Casa para almoçar. Por volta das três e meia da tarde, a camioneta leva a malta para a cidade: uns, vão ao futebol; outros, à «matinée»; e outros, ainda, passeiam, a ver montras. Às seis e meia estamos de regresso. E, segunda-feira, começa nova vida. Vida de trabalho. A nossa vida.

José Luis Pinheiro

## Chales de Ordins

Como a falta de espaço no jornal é constante, não posso estar a revelar as terras para onde seguirem os nossos trabalhos; mas foram para bastantes localidades do País.

Colchas, pegas, soquetes, mantas, capas, chales, etc. No entanto, este ano faltaram-nos com três grandes encomendas de Lisboa, às quais nós já estávamos habituados; e nesse sentido, nos prevenimos para quando as pedissem irem na volta do correio. Assim não aconteceu! Estando bastante desanimada com esse dinheiro empatado, eis que uma senhora do Porto vem em meu auxílio! Já depois das festas passadas, tínhamos feitos 50 casacos, e eis que nos pedem todas as camisolas que tivéssemos. Não calculam a minha alegria! Assim já tenho mais possibilidades de dar trabalho às raparigas.

Quanto aos donativos para a casa da tecedeira, têm chegado alguns, mas muito poucos. Vários são, até, repetidos, de pessoas que têm as dificuldades dos Pobres no coração, como se suas fossem. E só não as resolvem totalmente, porque têm também a sua vida familiar, com todas as carências da vida quotidiana. Ao todo responderam a este apelo 53 leitores! Que é isto, no Oceano dos 50.000 leitores de «O Gaiato»?

Dêem lá um jeito os que ainda não se desobrigaram; metam a mão ao bolso e mandem para cá, o que lá tiverem; senão nunca mais pago o que falta da

obra! Deus os recompensará, disse tenho eu a certeza. Obrigado.

Maria Augusta

## Tribuna de Coimbra

Continuação da 1.ª pág.

rapaz. Vinham conversar, trazer inquietações e anseios, pedir sugestões e conselhos. Já dias antes tinham vindo dois trazer oferta de três: quinhentos de cada um.

É um grupo que tem inquietado o seu ambiente universitário para ajudar a promoção dos mais necessitados: conselhos, remédios, renda de casa, trabalho, casas de habitação.

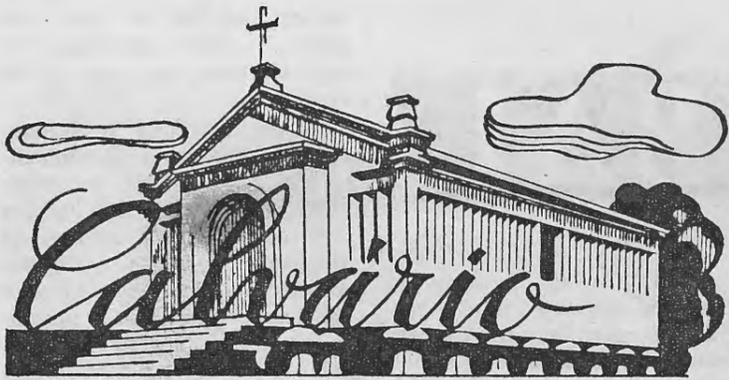
Vinham dizer-me das suas preocupações e desânimos. Dificuldades de todos os lados. As famílias não aproveitam o bem. Guerras com os vizinhos. Filhos criados à tã. Exigência de tudo o que precisam. Maus hábitos que não querem perder. Inveja do bem dos outros.

Ouvi e sorri-me. Alentei-os a não quererem colher o fruto. Trabalho e amor por ideal. Semear para que outros venham colher. Amar até ao fim e sem medida.

Partiram sorridentes. Sorriso de juventude que processa construir uma sociedade mais feliz. Gosto cada vez mais da juventude.

Padre Horácio

Gaiato



Os doentes ainda têm a boca doce das guloseimas do Natal. A presença de muitos amigos permitiu melhorar a ementa daqueles dias festivos e ficar com reserva para os dias seguintes. De Lisboa também muito veio. O Porto não ficou atrás, sobretudo com cartas recheadas de donativos. Como sempre nesta altura, M. Elvira com 300\$. Engenheiro da mesma cidade não ficava contente consigo mesmo se não viesse. E veio. E deixou seis mil escudos. Lúcio depositou para nós 10.500\$. Pecadora que de Deus espera protecção mandou 100\$. Assinante 19109, 20\$ todos os meses. «Doente para doentes» também a mesma quantia e no mesmo ritmo. «Portuense qualquer» continua mensal, às vezes com migalha mais pesada em tempo de luto ou de alegria. Todas as ocasiões servem para dar graça e louvor. Uma senhora com 100\$. Outra senhora de Lisboa com 10.000\$ pedindo oração por M. Alice. Amigos de D. A. Barroso 560\$. Maria Antónia com uma linda colcha. Vamos a ver se alguém a deseja que as nossas camas são pobres de mais para coisa tão pomposa. Vale 5.000\$, disse quem a fez. Anónimo com mil. Assinante com 50\$. Outro anónimo com dois mil. O avó continua. M. Luiza pede para lhe aceitarmos 20\$. O peregrino de Corim vem com mil escudos. Anónimo com 100\$. Manuela com metade. Américo com 30\$. Olímpio com 500\$. Professor de Lisboa com 6 mil. João de Deus com «oferta de um inutilizado para que os outros tenham um Natal mais alegre». Manuel com 20\$. A criada Maria com a mesada do costume. Joaquim com 200\$. No Espelho da Moda 100\$ de Alberto, 1.000\$ de anónimo, 100\$ em carta, outro tanto noutra e mais 200\$ e mais 50\$. Anónima da Rua das Papoilas com 50\$. M. da Glória com 150\$. Etelvina com 200\$ «do modesto ordenado». A. Ramos com a presença habitual pela saudosa mãe. Professora aposentada com 50\$. M. de Lourdes com outro tanto. Amélia da Murtoza com 600\$. Berta com 20\$. Ernst Osswald com 100\$. A «humilde portuense» prossegue no seu dar alegre. Emília, de Estarreja, não falta todos os anos com 1.000\$. Celeste, também, com as renúncias de largo tempo. Augusto com 5.000\$.

Eu faço agora parágrafo para destacar esta presença de chaille, com uma criança pela mão, que me obriga a aceitar, depois de muito insistir eu que ela o não fizesse, uma carta com 2.200\$ por intenção do marido que há pouco lhe faleceu no sanatório.

Uma assinante com 600\$ e roupas. Zé ninguém com 1.000\$ todos os anos. Senhores do

Porto com uma dúzia de cobertores e 2.000\$. M. Luiza torna com pena de dar tão pouco. Portuense agradecida com «é vergonha não poder dar mais». As finalistas das Escolas de Enfermagem do Porto vêm com muito empenho. Um grupo da Escola da Boavista traz roupas e também 1.500\$. M. Amélia 100\$ para a consolda dos doentes. Oport Ladies Guild envia-nos 3.500\$. São presença amiga de há anos para cá. Nos anos da mãe, alguém de S. Mamede com 100\$. Ana com 25\$. Assinante 7060 com 200\$. Empresa dum Teatro do Porto com 500\$. Beatriz com 200\$. Casal de Portalegre todos os dias do ano um escudo de modo que está aqui no final dele com 365\$, «sem custar nada». Avó de Gaia com 100\$. M. do Carmo pede a Deus que lhe dê saúde para criar sua filha «que ainda precisa de mim». Um serrano com 300\$. Albano das Caldas com 100\$. Augusto com 250\$. M. da Graça com 100\$. M. J. com metade. Raúl com 100\$. Isabel do Porto com 300\$. M. do Rosário com 50\$. Carlos preocupado com suas filhas entrega-nos um óbulo.

Uma Maria com 3.000\$ em

acção de graças. M. L. da Foz com presenças mensais muito certas. Sara com 50\$. Tobias com 300\$. Julieta com 50\$. Aida com 500\$. E outra vez com 1.000\$. C. S. com 100\$. Esmeralda e Maria com 90\$. Otilia com 50\$. M. da Conceição com 100\$. Branca e Fernando com 500\$. Uma doente com 40\$. Irene com 100\$.

De S. João do Estoril 60\$ todos os meses. Em Cascais, 1.000\$. De Mafra 150\$. De Valongo 750\$. De Ovar 3 notas de S. António. De Coimbra uma de 50\$. E outra de 100\$. De Lisboa, no Montepio-Geral, anónimo 100\$, assinante 20\$. Ester 40\$. Cândida 200\$. GALNA 50\$. M. de Jesus 300\$.

Do Largo do Priorado no Porto 100\$. Da Av. da República em Lisboa, 500\$.

De Braga, 170\$. De Esmoriz 250\$. De Lisboa 29\$. Da Figueira 60\$. De Oledo 50\$. De Albergaria 100\$. De Aveiro 40\$. De Lisboa, Laura com 300\$. De Grândola 100\$. De Melgaço, 1.000\$. De Bragança 140\$ e mais 160\$ e mais 50\$. De Lisboa outra vez 500\$. De Setúbal 100\$. Da Pr. 9 de Abril outro tanto. De Oeiras 200\$. De Viseu 150\$. De Moscavide 100\$. De Vouzela 900\$. Do Barreiro, no dia de aniversário de casamento, 500\$. Com pedido de sufrágio alguém com 50\$. Da América dez dollars. Mais 50\$ por alma do Júlio. E mais uma parte do subsídio de férias. Quem dera que aparecessem muitas parcelas de subsídio de férias para aqueles que as não têm.

Dar contas é fácil. Traduzir o significado de cada parcela apresentada é bem difícil e já não é da minha conta.

Padre Baptista

## RETALHOS DA VIDA

# O ABÍLIO



*A minha terra é Sendim, do concelho de Miranda do Douro; linda aldeia que fica situada no coração de Trás-os-Montes, província de gente viril e hospitaleira.*

*É muito triste um filho nunca ter visto ou conhecido o seu pai! Pois foi o que aconteceu comigo — nunca vi o meu pai! Sou filho de pai incógnito...! Da minha família apenas conheço os que vi antes de deixar a terra natal: minha mãe, meu tio e meu irmão.*

*Deixei Sendim com três anos de idade e fui para um colégio, no Porto. Aí estive seis anos, quando me foram lá buscar para vir para a Casa do Gaiato. Mal cheguei cá, minha mãe disse-me que só se brincava e não se trabalhava. Era assim no colégio... Porém, alguns dias depois, fui trabalhar no grupo da lenha.*

*O tempo foi passando e habituei-me aos costumes da Casa. Veio a Escola primária e fiz a 4.ª classe. Enquanto frequentava a Escola, como aliás, é costume, também trabalhava na limpeza e arrumação das casas da nossa Aldeia e dava a minha ajuda na expedição do Jornal.*

*Participei, ainda, em muitas das nossas Festas, sobretudo no conjunto dos «Batatas», tão admirado pelos senhores que assistem aos nossos espectáculos.*

*Chamaram-me, entretanto, para ser vendedor do «Famoso». E, não há dúvida, enquanto andei na venda do nosso Jornal conheci muitos senhores que de quinze em quinze dias me acolhiam com muita alegria e carinho.*

*Depois da Escola primária ingressei na Telescola. Completei o 2.º sem reprovações. Então, o Sr. Padre Carlos perguntou-me se desejava continuar os estudos, no Porto. A minha resposta foi afirmativa, como não podia deixar de ser. E, agora, resido no nosso Lar do Porto, à rua D. João IV, e frequento o 3.º ano do Liceu Alexandre Herculano, onde me esforço por conseguir bons resultados para, mais tarde, tirar o curso que mais me agrada e me der um sólido futuro.*

Abílio Guilherme dos Santos

# LOURENÇO MARQUES

O nosso Natal teve abundância de amor, nas ofertas que nos trouxeram, ou que nos chamaram a receber. Os donativos cobriram algumas férias semanais, a passar sempre dos dez contos, os ordenados de fim de mês, e ainda sobrou algum vindo em cheques, que se entregaram ao banco.

Mas o nosso banco tem sido a Providência. Só nas obras gastaram-se no ano de 1971 novecentos contos. Trezentos e quarenta nos trabalhos e valorização do campo, que nos devolveu, só em produtos vendidos, cento e seis contos, afora quanto comemos e contribuí para aumento do nosso curral de porcos com mais de cem cabeças adultas e o das vacas com quase trinta, e dúzia e meia de vitelos.

O restante da despesa total de mil e seiscentos contos foi directamente gasto com os Rapazes, havendo uma soma mais volumosa a retirar para aquisição da carrinha nova, manutenção de tractores e outros veículos, um deles só ao serviço das obras, certamente o de mais trabalho e não está incluído nas nossas contas. Elas

estão à vista «para quem racionalmente no-las peça» como dizia Pai Américo, e queira conosco louvar a Deus por este milagre do Infulene.

O nosso Natal não nos trouxe problemas, como já aconteceu, com os muitos bolos e poucas bocas. Este ano, na hora certa, apareceu quanto chegasse: a Empresa Moderna, que depois da Ceia do seu Pessoal nos fez as refeições fartas no dia de Natal. No Ano Novo vieram os Empregados do Rádio Club para a ultima ceia do ano e dia seguinte. Posso avaliar que não houvesse mesa tão alegre e farta como a nossa, pois foram autênticos banquetes servidos aos nossos Rapazes.

Como se verá a seguir não faltaram presenças de outro modo.

Uma gratificação de 250. Estudantes de Medicina com 50. Todos os meses. Um saco de rebuçados que há-de servir nas festas de anos aqui em Casa. Cem escudos e bolo-rei. Mais igual e cento e cinquenta. Dois sacos de açúcar da Incomati e metade todos os meses. Visitantes com notas e mais bolo-

rei, brinquedos e roupas.

As crianças da Escola Dominical da Igreja Metodista Sul Africana todos os anos presente com seus pais e Pastor, brindaram-nos com uma merenda, roupas e 10.550\$. Os Empregados da Mecanografia do BNU com 165\$. Um senhor que nos dá para cimento ou sem dizer para quê, mas sempre pelo muito amor que nos tem, seis mil. Era o grande amigo do nosso Tónio Augusto de quem nunca mais soubemos. De dois irmãos 800\$. De uma Sra. Doutora de crianças, mil. Quinhentos de outra que estava a fazer colchas para nós e a saúde não permite mais e mais cem de uma pessoa amiga.

Afim de não alongarmos esta, aguardamos até à proxima este dar graças a Deus. Só um recado. Andou um miúdo pelos escritórios da Baixa com lista na mão a pedir para a Casa do Galato, até que a fraude foi descoberta e ele se eclipsou. No entanto muitas pessoas de boa-fé foram levadas. Mais de quinhentos escudos. Saibam que nunca credenciamos ninguém para andar com lista na mão, a pedir para a Casa do Gaiato.

Se entre amigos e conhecidos alguém o fizer, como este ano os empregados das Fábricas Reunidas de Cerveja, que nos deram 2.300\$ ou os da Robialac, com oitocentos, ou empregados do Banco como o fizeram no BNU e no Sotto Mayor, muito bem. Que nós façamos ou mandemos fazer, nunca.

Que as bênçãos de Deus sejam em 1972 as mais abundantes para todos.

Padre José Maria

## AQUI, LISBOA!

Continuação da Primeira pag.

dente normalmente em Paço de Sousa, de 5 em 5 anos, por voto de todos os padres, e nas reuniões mensais realizadas por estes, em uma das Casas ou Lares, para troca de impressões e acerto de critérios gerais ou particulares. A «racional independência» flui das diferenças próprias de cada Casa e dos seus problemas específicos. Económicamente são independentes, embora não seja raro uma Casa ir em socorro de outra nalgum transe ou em aflição ocasional.

Padre Luis



Esteve hoje um lindo dia de Sol. Até as árvores despidas brilham de prata nos pingos pendurados dos secos ramos im- plumes.

Que lindo dia! — diziam-me há momentos dois casais que aqui vieram desobrigar-se do seu Natal.

Também este sol de hoje me entrou dentro e me alegrou. Os dias têm sido de espessa humidade e intensa chuva. Há um mês, um dia como este seria corriqueiro, e não despertaria a sensibilidade, antes a adormecia. Todos estávamos fartos de dias bons e ansiávamos pela chuva. Agora, que as terras estão prenhes de água, e a chuva tem sido impertinente, um domingo de sol é surpresa muito agradável.

No mundo humano, a sensibilidade reage de forma idêntica. Este mundo em que vivo,



# SETUBAL

que tantas vezes me esmaga, brilhou e deslumbrou-me ontem de uma forma admirável. Dir-se-ia que me era dado gozar a contemplação do Belo.

Fui à Musgueira — um bairro enorme de barracas e casas abarracadas onde centos de famílias se apinham e se degradam — buscar o António Jorge.

A sua história tem tanto de simplicidade como de tragédia: — A mãe, alcoólica, enforcou-se há dois anos. O pai trabalha e bebe. O irmão foi

atropelado e internado num hospital, não teve quem o fosse procurar após a alta. A Casa do Gaiato abriu-lhe as portas.

Eram dez horas e meia da manhã deste sábado último quando pela segunda vez respirava o ar da Musgueira. Tinha estado na véspera à noite e voltei, como tinha combinado. Na taberna, o pai já muito bêbedo e o António Jorge esperavam-me. Pú-lo na carrinha mais o Joãozito, minha companhia nesta andança — e arranquei.

Diante de meus olhos as cenas de ontem à tarde!... Magotes e magotes de crianças com ares já impúdicos e desnaturados, raquíticas da hereditariedade, da fome, da falta de espaço para viver e do ambiente desumano... Aqui e ali grupos de homens e rapazes ainda novos meio atordoados do alcool e do fumo, jogavam às cartas exteriorizando os êxitos e os fracassos do azar com as obscenidades mais arrepiantes!...

A mim, que procurava o António Jorge, ninguém me falava do seu nome, mas do apelido degradante com que todos o escorraçavam.

O taberneiro, homem de sentimentos humanos, desabafou durante uma boa meia hora do ambiente social de todas aque-

las famílias. Não há aqui — dizia-me — uma rapariga com mais de doze anos que esteja virgem.

Eu trazia comigo o António Jorge. Arrancara-o ao ambiente que o sepultaria no crime e no vício. Achei tão linda a Casa do Gaiato. As escolas! As oficinas! Os campos! A Capela! A presença dos mais velhos e das Senhoras. A minha presença e o meu sacerdócio!... A sala de jantar com uma lareira tão quentinha onde a Presença de Deus é evocada num quadro amorosamente inspirado para nós, com Jesus ressuscitado à mesa e os discípulos de Emaús! O nosso Terço e a Catequese dada pelos mais crescidos!

Um ambiente sadio onde o sobrenatural vem levantar o humano, onde os valores do espírito desabroçam, crescem e solidificam. Onde o homem encontra o seu próprio valor. A sua dignidade. O seu Deus.

Um sol radioso me iluminou o ideal e eu bendisse a hora em que me fiz padre.

Padre Acílio

## AS NOSSAS EDIÇÕES

# O «Isto é a Casa do Gaiato» e os seus leitores

Dentro dos naturais condicionamentos da nossa vida de trabalho e formação profissional, mais a actual dispersão com Festas em organização (não falando já das próximas três semanas em andanças...), temo-nos agarrado — com unhas e dentes — à confecção da segunda edição do 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato».

Terminamos a impressão da obra na próxima quinzena, se Deus quiser. Depois, é o complexo serviço de encadernação; e, posteriormente, o delicado trabalho de expedição, para cada um dos nossos estimados assinantes. Tudo com prata da casa. Tudo nosso — pelas nossas mãos. Aqui está o sabor. Aqui o valor. Tanto mais apaixonante quanto maior a sede dos leitores em possuir mais este livro admirável de Pai Américo. E é gente de todas as idades: Velhos e novos. E de todas as classes: Ricos, Pobres e Remediados.

Gostámos tanto, tanto, duma carta ilustrada pelo punho dum pequenito luandense! É pena não podermos abrir gravura para que todos vissem, com os seus olhos, a imaginação infantil deste pequeno Rui! Saboreemos, ao menos, quanto nos diz: «Agradecia que me mandassem o livro «Isto é a Casa do Gaiato».

Se for preciso dinheiro, mandem-me dizer para a seguinte morada que está escrita no envelope.

Sou um estudante do Ciclo Preparatório.

Obrigadíssimo.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Beijos para todos e abraços. Rui.»

A esta hora já terá, com certeza, debaixo dos seus olhos, a preciosa obra de Pai Américo. E estará beneficiando do seu conteúdo, acessível a todos os graus; aliás, preocupação incessante de Pai Américo. Eu que o diga...

Meu caro Rui: dá-nos as tuas impressões, logo que possas.

E quanto à parte material, o teu cuidado contrasta com o de outros que, tendo recebido o primeiro volume há quase um ano, ainda não deram notícias: ou porque mudaram de direcção (esquecendo de participar a nova...) e o livro mudou de mãos, ou porque arrumaram o livro na estante quase sem lhe pôr a vista em cima, ou porque os familiares não deram notícia e é caso omisso; enfim, por tantas outras causas que, depois, geram — em muitos — desabafos felizes. São poucos os tristes, felizmente, em relação ao elevado número de assinantes...

E que dizer desta faceta muito louvável?:

«Junto envio um vale de 50\$ para pagamento do livro «Isto é a Casa do Gaiato».

Demorei um pouco a enviar a importância, pois quis ler antes o livro.

Li-o como quem medita. E fez-me bem, pois inquietou-me e obrigou-me a sair de mim e dos meus problemas, graças a Deus sem nenhuma importância, para me debruçar sobre as grandes necessidades dos meus Irmãos, por quem eu tão pouco tenho feito.

Peço que me digam se 50\$00 serão suficientes para pagar o livro. Eu acho pouco, para tanto prazer espiritual que da sua leitura se tira.

Logo que saia outro livro, queiram enviar-mo.

Sem outro assunto, fico a rezar para que o Senhor lhes

dê ânimo para prosseguirem na vossa missão, que é também de todos nós».

Oh carta!

Mais impressões duma pacífica revolucionária, nossa conhecida, de Porto Salvo:

«Cá recebi os vossos livros. Já li um e já ofereci os outros. Creiam que vos estou agradecida.

É muito tarde e o meu dia de trabalho foi longo e árduo. Não estou habilitada a dizer-vos que bem me faz repousar lendo alguns parágrafos do vosso livro. Digo-vos só: continuai a Obra de Pai Américo, pois infelizmente ela continua a fazer muita falta; assim não devia ser, se a sociedade estivesse mais unida, mais bem formada. Mas enquanto não houver condições de vida para todos terem o essencial...

Que a vossa brazeira não se apague — é o meu grande desejo.

Junto um cheque de 500\$00 para os livros.

Vou, entretanto, arranjar algumas assinaturas para o vosso Jornal. Mas gostava de saber o preço da assinatura anual, para dizer às pessoas.

Agradeço, quando me escreverem, não usem formalismos e dispensem o V. Excia.; escrevam-me, sim, mas como amiga. Eu vim do nada como vocês, e só com muito trabalho e esforço consegui — com a ajuda de Deus — viver hoje mais desafogadamente...»

Ficamos por aqui. «O Gaiato» tem apenas quatro páginas...

Recomendamos, porém, a quantos nos lêem pela primeira vez, ora interessados nas obras de Pai Américo, que podem solicitá-las à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## MALANJE

Foi um Natal cheio de alegria e mimos.

Vieram tantos amigos até nós! Daqueles que nos conhecem, que sentem connosco. Sempre que a ajuda nos vem dos que nos pertencem — e, neste caso, não é esmola nem favor que nos humilhe, mas ajuda de quem sente compromisso na sua própria Obra — a nossa consolação é maior.

Que todos os nossos amigos — comprometidos connosco — sintam e amem realmente como sua a Obra que eles estão construindo.

Quem me dera que estas linhas fossem lidas por aquele amigo que andou 10 Kms para nos entregar uma nota de 20\$. «Não posso dar mais, tenho muitos filhos». Oh riqueza! — diria Pai Américo.

Sei que os nossos amigos de Cambambe nos lerão — os lençóis e cobertores chegaram para a nova casa. Também do Dondo e de Cacuso.

De Malanje foi a procissão do costume, com ofertas e mimos para o nosso Natal. Entraram nele, discretamente, mais alguns amigos.

Resta-nos pedir a Deus alegrias para todos.

x x x

O Lito que é o encarregado da Capela agarrou o Tonito pelos colarinhos e trouxe-o à minha presença, com uma caixa de fósforos vazia:

— Foi ele, riscou-os todos.

— Não fui!

— Foi!

— Bem — disse eu — vamos lá... quantos fósforos tinha a caixa, Tonito?

— Só um.

— Qué?! Dizes mentiras?

— Tinha muitos.

— Onde estava a caixa?

— Tirei-a da carrinha.

— Tu sabes que os mentirosos levam sempre mais, e é tão feio mentir...

— Tirei-a da Capela!

— O Lito vai dar-te duas palmadas.

x x x

Mesmo defronte à casa-mãe uma romanzeira desafia com suas romãs vermelhas. Já o «Cabosito» foi julgado em alto tribunal por ter tirado uma. As outras lá estão até serem colhidas, e irem para a mesa.

Vamos deixar lá a mais bonita para que a lição do respeito à fruta e às árvores entre bem no nosso coração.

x x x

Ilídio veio ter comigo com ares de importância:

— Sr. Padre assim não está bem, já vou fazer 17 anos e o Chefe não me tem respeito. Trata-me como se fosse um garoto.

— Bem, vamos a meças meu caro Ilídio: Não foste tu que há dois dias tiraste um maracujá verde e cortaste diante dos mais pequeninos? 17 anos! E há dias por teres faltado ao trabalho não te obrigou a fazê-lo na hora do recreio? Queres mais?...

Se queres respeito e que o Chefe te trate como homem, procura merecê-lo e procede como tal. Vais ver depois.

O Ilídio é capaz!

Padre Telmo

Visado pela  
Censura